

Discurso da (des)ordem: a crônica jornalística de Arimathéia Tito Filho como prática instuidora de poder em Teresina

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim*

Resumo: A crônica de Arimathéia Tito Filho no jornal o Dia, em Teresina, é um vestígio de prática instituidora da ordem e da desordem, já que seus escritos jornalísticos procuram influenciar um público não-especializado sobre questões que atravessam aspectos ligados a valores, moralidades e éticas, que partem de um determinado lugar acadêmico, pois o cronista em questão, entre tantas outras funções, era presidente da Academia Piauiense de Letras (APL). Tal atividade fez com que houvesse uma circulação das idéias da Academia na sociedade teresinense, onde se procurou conter tudo aquilo que era entendido como desordem. Ordem e desordem figuram assim como discursos que se travam no intuito de fazer aparecer uma "realidade" social e cultural.

Palavras-chave: História; Crônica; Teresina

Abstract: The chronicles of Arimathéia Tito Filho "O dia" journal, in Teresina, is a vestige of practice established order and disorder, since his writings journalistic seek to influence public non - specialized on questions crossing aspects linked to values, moralities and ethical, departing from a particular academician place, because the preeminent scholar in between so many other functions, was President of the Academy of letters from Piauí (APL). Such activity has a circulation of ideas Academy in teresinense society, which sought to contain everything that was seen as disorder. Order and disorder are as well as speeches conducted in order to see a social and cultural "reality".

Keywords: history; chronicles; Teresina

I. A cidade e o cronista

A perda de referências e a dissolução de lugares de memória permitiram aos indivíduos uma suposta necessidade de elaboração de uma consciência, que se mostrou menor diante de uma significativa participação consciente e em mais uma relutância em manter a ruína, a memória-fragmento. Assim, no desdobramento dessa vontade, surgiu, segundo Pierre Nora (1993), o homem memória,¹ capaz de sintetizar, em uma descrição solitária, eles que

* Aluna do Doutorado em História na linha de pesquisa de cultura e memória (UFPE). Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

¹ Homem-memória é o singular retirado da expressão homens-memória utilizada por Pierre Nora, quando se refere à atomização da memória geral, onde homens particulares fazem de suas memórias uma trajetória de significados para outros.

permitissem a criação de uma idéia de pertencimento, de identidade com os fragmentos da cidade.

O peso de uma memória-individual, ante a fragilidade de uma memória nacional, favoreceu o surgimento dos homens-memória, pois, “quando a memória não está mais em todo lugar, ela não está em lugar nenhum, se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar” (NORA, 1993, p. 18) .

Arimathéia Tito Filho² é, possivelmente, nesse contexto, exemplo significativo desse homem-memória, que procurou fazer de sua trajetória um percurso de lembranças, oferecendo elos de identidade, cruzando suas experiências e imagens, com restos, cacos de lembranças esparsas; comungando sua trilha histórica, em um processo latente de construção de um cais da reminiscência. Em “Tempos de Memória”, relembra a Teresina de sua infância, onde existiam apenas:

dois cinemas – um tipo poeira, o Roial, de bancos compridos sem encosto – especialidade em banguê-banguê – mas naquele tempo a gente não dizia banguê-banguê – era cinema de artista e de bandido – cinema da molecada do meu tope; o outro, o Olímpia, estava destinado à alta roda, ao soçaite de hoje. Ambos de filmes mudos – e lá me ia esquecendo – mudos mas gesticulados, como se os gestos fossem a linguagem sonora – e às vezes é, ou pelo menos a transmite, até mais expressivamente. (TITO FILHO, 2002, p. 25).

A memória individual, neste trecho de A. Tito Filho, encarrega-se de fazer uma solda, um pastiche, uma cola, entre as erupções do passado e do presente, oferecendo fragmentações necessárias à construção de uma identidade,³ em uma dança fantasmagórica do lembrar, mesmo sabendo que, na experiência moderna, diariamente projetamos o nosso viver em meio à diferença, ao criar, deformar e selecionar as nossas lembranças.

Ainda prosseguindo com seu roteiro sentimental, o cronista descreve o lazer noturno da cidade, relembra que “a elegância da noite, estava na Praça Rio Branco – andança na praça, rapazes num sentido, moças noutro sentido, namoro de olhos, olhares que falavam e diziam tudo” (TITO FILHO, 2002, p. 25). A noite, além dos olhares e namoricos, segundo o cronista, era reservada também para atitudes mais inocentes, como as brincadeiras de roda nas calçadas“, até que a usina elétrica apitasse ou que a polícia militar cornettesse: nove horas,

² José de Arimathéia Tito Filho (Barras, 1924. Teresina, 1992) era historiador, cronista, jornalista, professor, e foi presidente da Academia Piauiense de Letras (APL).

³ Segundo Woodward, a identidade é relacional, ou seja, marcada pela diferença, e tem sua emergência no processo histórico que estabelece sua marcação simbólica (2000, p. 12-14).

hora de dormir casados e solteiros [...] exceto nos dias de baile e forró. Forró das pipiras desejadas e das curicas também.” (2002_a, p. 26).

Essas descrições sociais e culturais da cidade são percebidas antes de 1939, quando o cronista deixa a cidade e volta em meados de 1949, segundo estimativa feita pelo próprio A.Tito Filho, deparando-se com outra Teresina, como narra na sua crônica “Teresina na distância”, onde analisa que:

a cidade cresceu e melhorou, e vai atravessando a faixa da pequena para a média cidade. Está quase toda calçada. O nível das residências evoluiu tremendamente, no estilo, no conforto, no material com que são construídas. A casa de palha foi chutada para os subúrbios longínquos e tende a desaparecer. (TITO FILHO, 2002_b, p. 24).

As impressões e imagens do cronista diante de uma fratura temporal revelam as incongruências da fisionomia urbana, apontam uma cidade expandida em termos materiais, tendo que constantemente ressignificar seus espaços. Porém, o que desejam é articular tempo e espaço, através de suas memórias, construindo um lugar de encontros, onde inscreve seu processo de identidade, pois a memória

aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irredutível, é o que permite ao passado aproximar-se enquanto há o que se recordar. O passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença (CARLOS, 2000, p. 82).

Dessa maneira, a cidade provinciana, saudada nos poemas e nas crônicas, vive de uma certa forma dentro da cidade do presente, vislumbrando a cidade do futuro, pois essa já existe como projeção, imagem, possibilidade expressa em uma dança fantasmagórica, visto que os espaços “não apenas podem justapor-se, mas compõem, interpõem, se chocam, mas cada fragmento revela também particularidades, pois se movem em função de estratégias” (CARLOS, 2000, p.81).

O cronista A. Tito Filho mostrou-se sempre contrário à transfiguração urbana, preferindo o passado, o idílico, em detrimento da novidade, do progresso que destrói os resquícios da “antiga” cidade. Essa atitude mostrou-se coerente com relação aos aspectos da urbanização recorrente no século XX, pois se no século XIX a concepção do espaço estava relacionada com um ideário higiênico e sanitário, as dificuldades empreendidas pela urbanização moderna diziam respeito à construção de toda uma infra-estrutura que se mostrava preocupada com as exigências dos deslocamentos dos grandes sólidos para conter o

aumento populacional, freqüentemente em detrimento do humano e de toda a sua carga histórica (CHOAY, 2003, p. 288-289).

II Narrativas da Ordem e da Desordem

Os relatos das crônicas fixam posições, constroem conteúdos e sentidos, fazem aparecer um arranjo cultural, extratos de vivências, modos de pensar e sensibilidades; operam com estratégias, tentando aproximar-se de um imaginário coletivo de uma época. São formas de apresentar um “dado”, bastando, para tanto, recolhê-los como sintomas e indícios, conforme apontou Carlo Ginzburg (1991 p.143-145).

Em uma crônica intitulada “Mulher”, A.Tito Filho parte de uma posição “natural” de sua identidade enquanto homem e passa a analisar e a construir através de “categorias” e “significados” o perfil da mulher; assim declara impetuosamente:

Até Fides Angélica, de que me orgulho, esteve na televisão para dizer que as colegas do antigo sexo frágil querem mais coisa. Que mais? Já ganharam até o dia internacional, que os machacás nunca obtiveram. Rabos-de-saia dos mais variados tipos abandonaram faz muito tempo o seu lugar certo, incontestável, o lar. Não acedem mais lenha, soprando brasa, nem fazem doces nos tachos caseiros. Usam farda, fumam, jogam, bebem uísque. (TITO FILHO, O DIA, 12/03/1988, p. 4).

As modificações com relação ao gênero, ao modelo burguês de casamento e da família entram em declínio, a partir dos anos de 1960, segundo Almeida e Weis (1998), quando houve o conflito de duas gerações, uma que tomou o poder político e pretendia combater os “males” contra a dissolução dos costumes tradicionais, e, a outra, que denominada de geração pós-guerra, chegava à idade adulta e procurava refletir sobre esses sistemas “tradicionais” (Ibid., p. 399).

Para Almeida e Weis, a geração classe-média do *baby boom* estava interessada na

contestação da moralidade sexual [...] a exemplo do que acontecia nos Estados Unidos e Europa [...] no caso das mulheres, o repúdio aos comportamentos tradicionais, ‘pequenos burgueses’, se faziam em nome de um ideal de autonomia que deveria se realizar não apenas como possibilidade de viver livremente a paixão e as pulsões sexuais. Isso tudo também estava fortemente associado à idéia de existir no mundo para além da vida doméstica, por meio da realização profissional, da independência financeira que o trabalho poderia assegurar e, por último porém não menos importante, da atividade política. (1998, p. 400-401).

Dessa forma, se na crônica Fides Angélica, então presidente da Ordem dos Advogados, secção do Piauí, representava um exemplo de onde a mulher poderia chegar,

ampliando suas conquistas, o nosso cronista, com todos os seus “clichês”, se enquadraria muito bem na geração daqueles que achavam melhor controlar através do discurso, da ideologia, da castração. Isso ainda foi percebido quanto tentou responder o questionamento: – “que mais deseja a mulher?”

[...] arrebanhou noventa por cento dos empregos. Nas repartições, existem dez homens para cem mulheres – e destas poucas dão duro, trabalham. As outras semelham uma festa de periquitos em manga madura: fofocam., Cinquenta por cento vivem de licença. Muitas e muitas diariamente põem vestidos novos, um luxo. Os homens raros exercem chefia. Os demais poucos, uns dez, no máximo, frustrados, cabisbaixo, raquítico, caras chupadas, roupa tipo bate-e-enxuga, fundilhos puídos, sem o antigo topete de macho – ficam nos seus respectivos cantos, taciturnos, mal-arranjados. (TITO FILHO, O DIA, 12/03/1988, p. 4).

As representações sobre o papel da “mulher” e do “homem”, e a clivagem que cortou e definiu esses campos de saber são próprias da linguagem, que faz aparecer os relatos. Para Certeau, “o relato não é apenas uma descrição, mais que uma fixação, é um ‘ato culturalmente criador’; ele realiza o que diz, o relato é fundador do espaço pois desloca e supera limites” (1994, p.209). Assim, podemos observar que o cronista, ao inverter os papéis de “mando” entre os gêneros, situa de forma degradante a figura masculina, como se esta ao perder seus referenciais “naturais” entrasse em estado de caos. O cronista instaura também, através do relato, discursos que criavam um efeito de verdade, como o que assemelhava as mulheres trabalhadoras à imagem de fofoqueiras. Estas produções de representações são importantes analisar-se, pois,

[...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros [...], as lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Na próxima crônica nos é possível visualizar, mais uma vez, a idéia do cronista com relação à emancipação feminina em Teresina, enquanto campo e disputa de poder, e perceber como esse movimento foi representado pela lente do cronista:

Acabou-se a supremacia do gênero masculino. Ensinou-se durante anos seguidos que o masculino tinha supremacia sobre o feminino. Dizia-se o brasileiro é obrigado a ter vergonha e brasileiro aí envolvia os dois tipos. Sarney mesmo liquidou o mandamento e reconheceu o feminino com direito ao primeiro lugar, usando sempre o vocativo Brasileiras e Brasileiros.

Nos dias que correm o chefe do casal está representado pela mulher. Retornou-se ao matriarcado. Jamais se viu a supradita com tanto prestígio e forma de mandar. As

donas se metem em todos os assuntos, inclusive naqueles para os quais não são chamadas. Discutem besteiras colossais. Lêem mediocridades. Fumam. Consomem muito álcool, chegam a grandes pileques. Foi-se a virgindade – e raríssimas mantêm o fogo sagrado.

Se machismo era o poder de mando incontestável por parte do gajo, feminismo deve tomar outra significação. Justamente a de domínio completo do varão, pela mulher, machona de corpo e alma – médica, advogada, prefeita, deputada, senadora, jornalista, policial, romancista, motorista de ônibus, assaltantes, maconheiras. (TITO FILHO, O DIA, 25/03/1988, p. 4).

A crônica demonstra que o espaço privado, antes “campo de atuação” das mulheres, estava por um fio, pois o cronista tenta voltar no tempo, ao buscar reprimir aspectos que se haviam tornado corriqueiros, no que diz respeito à progressiva carreira feminina, ao ocupar funções até então marcadas pelo universo masculino, fazendo com que perceba, nessa condição, uma gradativa diminuição no campo do trabalho para os homens. Dessa forma, a “interferência feminina” no espaço público parece ter sido realizada não sem antes uma ferrenha disputa de poderes, nos quais persistiam valores conservadores.

As impressões do cronista, com relação aos reflexos do movimento feminista,⁴ e o tom sarcástico com relação à liberação feminina partem de um discurso conservador empenhado, mesmo em pleno clima de redemocratização, em denegrir e ridicularizar a imagem feminina, recurso esse utilizado por aqueles que viam nesses artifícios um instrumento para combater os avanços do sexo feminino. Segundo os dados contidos no artigo “Pisando no Sexo Frágil”, Raquel Soihet aponta que “em 1973, apenas 30,9% da população economicamente ativa eram do sexo feminino. Mas em 1999 elas já representavam 41,4% do total. Receber salários iguais, no entanto, ainda é tabu” (NOSSA HISTÓRIA, 2004, n. 3, p. 20).

Dessa maneira, realçamos que as diferentes imagens que atravessam a cidade servem como indícios, cacos, que podem indicar mudanças e permanências, como a crônica seguinte, onde podemos perceber as transformações femininas e sociais, tendo como direcionamento às imagens utilizadas no vestuário da mulher teresinense:

Muitos anos atrás as donas usavam vestidos no mocotó, também dito osso gostoso, que ia até o gogó. Por baixo desses cinco metros de fazenda botava calça tipo samba-canção, abotoada dos dois lados, e por cima desse sungão bem fofo havia três anáguas, uma combinação e um corpete. Algumas usavam chapéu e luvas.

⁴ Movimento social surgido nos anos 1960, nos países mais desenvolvidos, e, conforme Hobsbawn, podemos perceber que “o primeiro e mais impressionante exemplo dessa nova consciência de gênero foi a revolta das mulheres tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos (**Brasil**, grifo nosso) contra doutrinas impopulares da Igreja, como foi mostrado notadamente nos referendos italianos em favor do divórcio (1974) e de leis de aborto mais liberais (1981)” (2000, p.306).

Sinceramente, difícilíssimo que aparecessem as mãos e somente se viam pedaços do rosto. Uma vitória retumbante do machismo, que não permitia olhares profanos nas carnes de suas deusas.

Grande conquista esteve no fato de chegar o vestido ao meio da canela, pescoço de fora, manga meio quarto. Nos anos 20 Gabrielle Chanel modernizou certos aspectos da situação. Na década de 30, voltou-se um bocado a autoridade. Ombros almofadados. As filhinhas de Eva se masculinizaram.

Ainda perto de 1940 as meninas de Teresina eram acompanhadas, na rua, de dois ou três gajos sensuais, quando a calça samba-canção, primeira cobertura dos possuídos., marcavam o vestido atravessando as defesas naturais das anáguas e combinações. Para onde a garota ia, os machacás seguiam atrás, olhos cúpidos e boca aberta.

Durante a guerra de Hitler os vestidos se tornaram funcionais. De 1940 em diante, houve a revolução de Dior, que queria voltar a padrões antigos. Pernas escondidas. Feminilidade. Próximo dos anos 60 apareceu a moda unissex. E de 60 em diante, a estilista Mary Quant revolucionou a moda com a minissaia, que mostrava a perna toda. Chegou-se à era dos exploradores da moda. E a moda enlouquece as fêmeas. Calças boca-larga, cigarettes, t-shirts, camisetas, punk, santo Deus. Quantos processos novos se criam para que as mulheres gastem dinheiro a rodo. Cada dia mais explorada se vê a vaidade feminina. (TITO FILHO, O DIA, 16/03/88, p. 4).

A perspectiva da moda é um interessante termômetro para que possamos perceber, não obstante os exageros e as ironias do cronista, de que maneira o corpo e a forma de vesti-lo ou camuflá-lo testemunham uma época e sua forma de elaboração acerca de condutas e valores. A vaidade feminina “fala” muito da maneira como as mulheres puderam ou não lidar com seu corpo, e como essas relações eram vistas e entendidas pela sociedade.

Os “gastos com as plásticas” ou o “reboco” do corpo, sobretudo das faces, vista por A. Tito Filho como a forma encontrada para gastar dinheiro, já que as mulheres andariam nuas, refletem um período, apontam para uma nova sensibilidade – a preocupação “exagerada” como o aspecto físico – fazendo circular uma necessidade cada vez maior com relação ao consumo de acessórios, maquiagem, penteados e bijuterias. Segundo Mello e Novais (1998), os hábitos de limpeza pessoal, na sociedade do final do século XX, seguiu-se à modernização da beleza, sobretudo das mulheres; assim,

[...] o rouge foi sendo preterido pelo blush, o pó de arroz pelo pó compacto, as máscaras caseiras de beleza, de abacate, de pepino, de camomila etc., pelos modernos cosméticos, pelos cremes de limpeza, que substituíram o leite de rosas e o de colônia, pelos hidratantes, esfoliantes, rejuvenescedores, da Max Factor, Helena Rubinstein, Elizabeth Arden, ou da Avon, para as classes populares. (1998, p. 568-569).

A globalização,⁵ esse surto da universalização do capitalismo, propagado com maior êxito no fim do século XX, favoreceu a emergência de uma sociedade global, e assim ofereceu “modelos” ditatoriais e fugazes de moda, atravessando muros e fronteiras. Porém, mesmo com a velocidade dessas informações, conservou-se uma certa “independência” com relação aos modos e rituais que cada cidade criava, com suas formas próprias de articular às novidades, modificando e inventando outras formas de códigos, como as narradas pelo cronista.

Porém, se a moda serve para demonstrar transformações e sensibilidades na conduta feminina, segundo o registro do autor, a forma que cada classe a consome também serve para indicar importantes mudanças:

A chamada alta costura, de empresários inteligentes, costureiros que gastam fortunas em publicidade, faz que as fêmeas enlouqueçam. Criaram-se os clubes sociais e de uísque, sob capa de caridade cristã, para desfile de vestidos caríssimos, comprados a peso de ouro, nas butikues que enriquecem as proprietárias. Gastando a rodo, a mulher do soçaito precisa de muito cobre, finanças fortes, a fim de que acompanhe a moda e sustente o hobby alegre dos comes e bebes e recepções festivas.

A classe média, sem renda, sem as cousas da barriga, compram os panos nos queimas das lojas vendedoras, custando os olhos da cara tirando o dinheiro contado para os pirões de cada dia, não pode sustentar os desejos de três ou quatro mocinhas que reclamam dos pais sandálias, desodorante, xampu e tecido de cetim, fora jeans e us-top, que elas vêem noite após noite nos anúncios de televisão (O DIA, 21/03/1988, p. 4).

A televisão, nesse cenário de fascínio comercial, exerceu uma profunda influência sobre as mudanças de sensibilidade, observadas com grande impacto a partir da década de 1950, quando veio para o Brasil, pela iniciativa de Chateaubriand, sendo visceral também para a expansão dos movimentos sociais na década de 1960, como o Movimento Negro, o Feminino e o Pacifista. A emergência de uma realidade televisiva provocou um choque que mobilizou uma quantidade enorme de mercadorias, que passaram a fazer parte e a transformar cotidianamente os “hábitos, as maneiras de julgar, eleger, sentir e perceber a vida em sociedade” (ZENHA, 2000, p. 237).

⁵ Segundo as análises de Santos, a globalização é o “resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes [...] e possuem alguns fatores como: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, a mais-valia globalizada” (2005, p.23-24).

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Vol 4. p. 319-410.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades (uma antologia)**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GINZBURG, Carlo. Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mito, emblemas, sinais**. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SOIHET, Raquel. O sexo difamado. In: **Nossa História**, ano 1, n. 3, p. 14-21, jan. 2004.

TITO FILHO, Arimathéa. Ainda cidade descaracterizada. In: **Notícias Acadêmicas**, n. 36, p. 9. dez. 1988.

_____. Mulher. **Jornal O DIA**, Teresina, 12 mar. 1988, p. 4.

_____. Roupas. **Jornal O DIA**, Teresina, 16 mar. 1988, p. 4.

_____. Emprego. **Jornal O DIA**, Teresina, 21 mar. 1988, p. 4.

_____. Feminismo. **Jornal O DIA**, Teresina, 25 mar. 1988. p. 4.

_____. Empacotamento. **Jornal O DIA**, Teresina, 19 maio 1988, p. 4.

ZENHA, Celeste. Mídia e informação no cotidiano contemporâneo. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). **O século XX o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações**. vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.225-248.